

LITERATURA E SOLIDÃO

Em tempos de modernidade tardia, hipermodernidade e mesmo mais comumente na pós-modernidade, a solidão está presente no dia a dia, nas relações, na busca por identidades fluídas, e também presente na literatura de longas datas. Percebemos isso na vivência solitária de Robson Crusóé, na busca-obsessão solitária do capitão Acab por Moby Dick, na solidão de Dorian Gray em sua desenfreada busca pela beleza eterna e em tantas outras histórias que acompanhamos nas tramas literárias. Pensando nisso, o atual número da Alre teve por objetivo entender a literatura que apresenta a tentativa de acercar-se do fenômeno da solidão. Transformada em solicitude, cada autor(a) munido(a) de referencial teórico distinto, traz à tona compreensões que ampliam os sentidos dos textos literários invocados no número dezoito da Revista Alre.

De início Eliza da Silva Martins Peron, no seu artigo “A solidão e o vazio: expectativa do ‘Outro’ em Luiz Vilela”, trata a questão da solidão e do vazio nos contos “Zoiuda” e “O Bem”, da obra *Você Verá* (2014), de Luiz Vilela. Discute, entre outros, de que maneira tais assuntos se inscrevem, se configuram e significam na tessitura

dos textos. Referendada em estudos críticos sobre o ficcionista mineiro, a autora observa como recorrente a temática da solidão e do vazio como elementos comuns ao fazer literário do escritor, assim como ressaltam o tema da incomunicabilidade nas relações humanas que permeia as entrelinhas dos contos do autor. Sua contribuição própria para o entendimento da obra citada, situa-se ao deslindar a incomunicabilidade, o vazio e a solidão que compõem o mote para o encontro com o outro nos contos de Luiz Vilela.

Flávia Aparecida Hodas, em seu artigo “Melancolia e solidão em poemas de Lúcio Cardoso”, pesquisa a melancolia na história das produções literárias, afirmando que esta revelou-se como um estado de alma que possui um forte vínculo com as manifestações poéticas. Mais do que um simples temperamento ou doença, a melancolia se fez presente em diversas obras poéticas, destacando-se por meio de imagens peculiares e topos recorrentes. Uma dessas imagens é a solidão. O sujeito melancólico é, por excelência, um homem solitário. Não existem relações possíveis e aprazíveis para o melancólico, não há salvação, tampouco redenção, por isso, o isolamento adquire um certo grau de voluptuosidade para ele. Dentre todos os escritores que fizeram da melancolia uma presença constante no decorrer de suas obras, o escritor mineiro Lúcio Cardoso (1912-1968) assoma como um poeta essencialmente melancólico ao ponto de se tornar o *leitmotiv* de todo o seu projeto poético. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar os elos que se estabelecem entre a melancolia e solidão na poesia cardosiana.

“Pornopopéia: entre o riso e a solidão” é o título do artigo de Sylvia Telarolli o qual desenvolve análise de *Pornopopéia* (2009), de Reinaldo Moraes, observando como neste texto o autor explora os temas da solidão e do vazio existencial na vida contemporânea, abordados em grande parte a partir do humor e da experimentação com a linguagem. Também é alvo de interesse o modo como se constrói a focalização no romance, narrado em um fluxo contínuo,

como um longo monólogo, em que o narrador ocasionalmente se reporta a um ouvinte ou leitor suposto. Aspecto fundamental à compreensão do significado do texto é, sobretudo, a linguagem empregada pelo narrador, muito próxima à oralidade, vincada por gírias e expressões coloquiais, utilizando um tom que beira o *non sense* e a loucura, efeito das drogas e do álcool, consumidos compulsivamente pelo protagonista, mas também da construção de um perfil ficcional tão loquaz quanto criativo e obsessivo. A combinação de todos esses elementos, assevera a autora, dá oportunidade à criação de uma obra extremamente original da qual ainda faltam leituras mais cuidadosas.

José Eduardo Martins de Barros Melo, em seu artigo “O espaço da solidão em Manuel Bandeira”, observa que Manuel Bandeira é um desses autores difíceis de se estabelecer em qual solo pisa e escava o construto de sua poesia. Isso em razão da multiplicidade dos terrenos pelos quais esta poesia se move e os vários itinerários que constrói em sua expressão, que alterna movimentos de fina ironia com de extrema solidão. Seu objetivo neste artigo é investigar de que forma a solidão, entendida como espaço da ausência na escritura poética do autor pernambucano, se apresenta contornada em sua linguagem desde o primeiro livro, *A Cinza das Horas*, e de que maneira se faz uma invariante nos itinerários movediços que percorre até “*Belo Belo*”. Em suas palavras, Bandeira escava a superfície e a profundidade dos terrenos pantanosos daquela poesia, cujas variações estéticas se multiplicam nos movimentos espacializantes de sua obra, como representação do homem da modernidade perdido no meio da multidão e do concreto a tornar-se elemento da plasticidade e da ausência que, niveladas no plano da existência vivida em intenso suspense, renovam-lhe o mundo da experiência formal.

A contribuição seguinte, neste número da Alre, é de Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari com o artigo “O avesso do eu: consciência poética em Hilda Hilst”, este trata a poesia daquela

autora como fundante de uma concepção diferente de ver o mundo, cuja noção de consciência está imbricada no modo de ver o desejo como condição dupla que perturba a condição do homem moderno e da arte. Sandra Ferrari vê tal contribuição como advinda da modernidade, tornando o homem só, na multidão, movido pelo desejo de representar-se num universo esfacelado por várias consciências: a do eu e a do seu avesso. A necessidade absoluta da presença do outro projeta o Ser em relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo, pelo viés da angústia e da solidão. Pensando assim, a autora deste artigo propõe uma leitura da obra *Do Desejo*, de Hilda Hilst, (1992). Nesta obra, a palavra lírica “Desejo” passa a ser a condição dupla de percepção do homem em ruptura com o mundo, em que ideia de travessia, também do discurso, marca sobremaneira seus versos.

As autoras Tieko Yamaguchi Miyazaki e Elisângela Pereira de Lima contribuem com a Revista no artigo “Velhice e morte: histórias de solidão”. Neste artigo, discutem a velhice e morte de três personagens: o patriarca Raimundo Caetano do Rego Castro, do romance *Galileia*, de Rolando Correia de Brito; em contraposição, o tuxaua Anacã, de *Maíra: um romance dos índios e da Amazônia*, e, a seguir, o casal Rudi Angermeier e Trudi Angermeier, do filme alemão (2008) *Hanami, Kirschbluten*, em português, *Hanami, Cerejeiras em flor*, de Doris Dörrie. A aproximação dessas personagens, na perspectiva das autoras do artigo, tem o objetivo de levar à compreensão das diferenças de suas histórias e destinos com base em diferenças de civilizações e culturas, a partir de um núcleo comum, natural e inevitável: a velhice e a morte.

O artigo “A solidão catártica e o êxtase antinômico nos contos: ‘Espiral’ e ‘O rabisco’ de Geovani Martins” de Edinaldo Flauzino de Matos, faz uma leitura crítica dos citados contos em que pese a conjuntura da solidão que perpassa a condição psicológica e patológica dos personagens principais. A investigação analítica encontra-se pautada nos pensamentos teóricos, filosóficos e

psicanalíticos de autores que compreendem a solidão como um elemento essencial à vida, uma vez que, desse estado, pode-se adquirir certo nível de aprendizado. Assim, o autor pondera a respeito da solidão, estampada nos contos, extraindo deles os efeitos catárticos e antinômicos sucedidos por questões existenciais, cujas circunstâncias de ausências impetram judicioso estado de isolamento que resulta num comportamento humano socialmente ambíguo e doentio.

O número dezoito da Revista Alere reservou em sua sessão de tema livre os seguintes artigos:

“Janair e sua paixão: ecos da condição negra em *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector”, artigo de Natália Felix Amaral e Ravel Giordano de Lima Faria Paz, destaca a relação entre Janair e G.H., personagens daquele romance, considerando a lógica de embate entre classes sociais distintas. Os autores investem na interpretação da questão racial na obra de Lispector, despindo-a da suposta alienação que lhe é comumente atribuída. Com esse artigo, os autores esperam apontar caminhos que podem ser trilhados na tentativa de alargar os estudos da questão racial na produção literária de Clarice Lispector.

“Oscilações apreciativas em *A cabeça*, de Luiz Vilela” no qual Marcos Rogério Heck Dorneles aborda fatores que contribuem para elaboração e fixação de proposições de parte da fortuna crítica sobre contos da obra *A cabeça*, de Luiz Vilela (2002), em especial, do conto homônimo. A pesquisa aprofunda acerca da forma conto ao considerar um horizonte temático, formal e conceitual junto às narrativas do escritor mineiro.

Já a autora Lilian Reichert Coelho, no artigo “Escrita e responsabilidade em *A invenção da solidão*, de Paul Auster”, investe numa leitura crítica em que aborda o tema da solidão no livro de estreia do escritor norte-americano contemporâneo Paul Auster, especificamente na prosa, *A invenção da solidão* (1982). Seus interesses

analíticos preveem as relações propostas entre vida, escrita e responsabilidade, os quais fundam sua perspectiva teórica. O argumento central é que, sob um livro de memórias, (auto)biografia e ensaio, Auster apresenta seu projeto poético-estético, que encena uma subjetividade artística marcada pela solidão como imperativo moral e não como mero sentimento, duradouro ou pontual.

Coube à Vanderlucce Moreira Machado Oliveira o artigo “Fingimento, recolhimento: a escrita como experiência e autoconhecimento em *O cavaleiro inexistente* de Italo Calvino”. Neste, o leitor encontra uma acurada leitura crítica desse romance. O propósito da autora é empreender uma discussão que enfoque a escrita como experiência, vivência em processo, advindas de fingimento e recolhimento.

No artigo “O Narciso errante na poesia de Maria Ângela Alvim”, Juliana de Souza da Silva pesquisa na obra de Maria Ângela Alvim a poesia marcada por uma perspectiva intimista, de profunda reflexão sobre a perda da identidade. Narciso invoca tal sentido já que ele não conseguiu reconhecer a si mesmo. Este artigo pretende analisar a presença do mito de Narciso na poesia de Maria Ângela Alvim, especialmente no que tange às imagens despertadas no corpo poético dessa autora.

Na sequência temos o artigo “O relato da solidão amorosa em ‘Conversações de amor’, de João Gilberto Noll, escrito por José Dantas da Silva Júnior e Maria Aparecida da Costa. Os autores discutem a respeito da relação amorosa no citado conto da obra *O cego e a dançarina* (2008), de João Gilberto Noll. Os personagens título são motivados pelo desejo de completude; além disso, de algum modo, as relações amorosas de outros quatro personagens estão relacionadas pela ótica de formação de família. Diante de uma acurada investigação teórico-crítica, os autores percebem que os relacionamentos amorosos, presentes nas narrativas eleitas na pesquisa, são envoltos de incertezas geradas pelos sentimentos de vazio, ausência e solidão que rompem a tentativa de manter

relacionamentos perenes, enfatizando-se as inconstâncias dos amantes e a remota possibilidade de amor nas relações afetivas.

Na sequência desta edição, temos o artigo “A solidão dionisíaca na obra de Lygia Fagundes Telles”, no qual o autor Kelio Junior Santana Borges explora o tema da solidão na obra da escritora Lygia Fagundes Telles. Partindo de uma leitura mítica – rastreando nos textos lygianos os traços e o valor cultural expressos pela imagem do deus grego Dioniso – segue até uma perspectiva filosófica, cuja argumentação associada aos seres ficcionais lygianos, o autor reconhece uma solidão que, apesar de promover dor e sofrimento, é, na realidade, criativa e necessária para o viver.

O número 18 da Alre ainda reserva duas resenhas. A primeira é de Paloma Roriz intitulada *Os brinquedos de Adília* que trata da obra *Estar em casa* (2018) da escritora Adília Lopes. Visto desde a capa, o interior do livro sobre brinquedos e jogos infantis, faz um paralelo do quanto isto pode incidir em potência crítica e dialética. Perfazendo assim, um convite à leitura do que a resenhista chama de exercício poético de Adília Lopes.

A segunda resenha é de Marinete Luzia Francisca de Souza, intitulada *Avanços e rupturas em Entraves (2017), de Divanize Carbonieri*. Nesta, a autora leva ao público nuances e inovações trazidas pelo livro *Entraves*. Atenta à forma, disposição das palavras no papel, os torneios entre linha temporal e agruras de corpo e alma estampados em cada poema, o livro, por este prisma, torna-se convidativo ainda mais pelas lacunas, podendo ser preenchidas no olhar atento do leitor.

Encerrando o presente número da Revista, temos uma entrevista feita por Célia Pedrosa e Eduardo Coelho sobre o fazer poético. Em que pese a experimentação, motivação e produção no processo criativo, os entrevistadores questionam os frequentadores da Oficina Experimental de Poesia sobre suas práticas e resultado final de cada escrita literária.

Apresentação

Com este riquíssimo material, esperamos levar ao público pesquisas atualizadas, motivadoras, inspiradoras para outras pesquisas no âmbito dos estudos literários. Boa leitura!

PROF^a DR^a MADALENA MACHADO (UNEMAT)

PROF^a DR^a ROSANA NUNES ALENCAR (UNIR)

ORGANIZADORAS